

NARRATIVAS DECOLONIAIS: A CONSTRUÇÃO DE OUTRAS ESPACIALIDADES NO ACOLHIMENTO DE ACADÊMICOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

DECOLONIAL NARRATIVES: THE CONSTRUCTION OF OTHER SPATIALITIES IN WELCOMING INDIGENOUS AND QUILOMBOLA SCHOLARS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF TOCANTINS

Solange Aparecida Nascimento 1

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre as ações de acolhimento realizadas no triênio de 2017 a 2019 pela Coordenação de Ações Afirmativas da Universidade Federal do Tocantins, em parceria com o GTIQ (Grupo de trabalho indígena e quilombola), no sentido de acolher acadêmicos indígenas e quilombolas ingressantes, estabelecer a interlocução entre estes alunos e os acadêmicos veteranos e valorizar os saberes tradicionais no espaço acadêmico. Partindo do entendimento de que os alunos oriundos de comunidades tradicionais ao ingressarem no espaço acadêmico, por muitas vezes, não se identificam ou conseguem se ver nesses espaços. Os fazeres, as práticas e dinâmicas vivenciadas nas comunidades tradicionais, as quais fazem parte de sua formação, são por muitas vezes negligenciadas pelos espaços formais de educação, o que ocasiona o sentimento de não pertença desses alunos e dificuldades de interação, o que impacta em seu desempenho acadêmico e na permanência na universidade.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais. Decolonialidade. Povos Tradicionais.

Abstract: This work aims to discuss the welcoming actions carried out for a three-year-term from 2017 to 2019 by the Coordination of Affirmative Actions of the Federal University of Tocantins in a partnership with the GTIQ (Indigenous and Quilombola Work Group) regarding the welcoming of incoming indigenous and quilombolas students, to establish a dialogue between these students and the seniors and to appreciate the traditional values in the academic space. From the perspective that students from traditional communities, when entering the academic space, many times, do not identify themselves or cannot see themselves within these spaces. The actions, practices, and dynamics experienced in traditional communities, which belong to their formation, are often neglected by formal places of Education. This aspect causes these students the feeling of non-belonging and difficulties in interaction and impacts their academic performance and permanence at university.

Keywords: Traditional knowledge. Decoloniality. Traditional peoples.

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Tierno Bokar

Introdução

Apresentamos neste trabalho o projeto de extensão de acolhimento aos alunos indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Tocantins realizado no triênio de 2017 a 2019. O referido projeto, realizado pela Coordenação de Ações Afirmativas e o GTIQ (Grupo de Trabalho Indígena e Quilombola), desenvolveu nesse período ações de acolhimento, interação e troca de saberes entre alunos ingressantes e veteranos indígenas e quilombolas. O intuito da ação era aproximar os saberes tradicionais trazidos por esses alunos de suas vivências no espaço acadêmico, debater sobre a lugar dos saberes tradicionais e sua valorização na academia e construir espaços de representatividade para esses estudantes.

A proposta considerou entre outros elementos, a diversidade presente na instituição, que conta atualmente com mais de seiscentos alunos oriundos de comunidades quilombolas da região norte, nordeste e centro-oeste, e alunos indígenas das regiões norte e nordeste do país representados pelos seguintes povos: Javaé, Karajá, Xerente, Apinajé, Xambioá, Krahô, Krahô-Kanela, Pankará, Pankararú, Atikum, Tukrá, Tuxá, Guajajara.

Considerando essa realidade a universidade carece de estabelecer ações e estratégias que contemplem essa diversidade nos processos educativos desde o ingresso, promovendo a permanência dos acadêmicos, atentando-se às características regionais nas quais está inserida e estabelecendo uma maior proximidade entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico.

Os alunos ao ingressarem na universidade se defrontam com um conhecimento reificado e assentado nos saberes hegemônicos e eurocêntricos, dissonantes dos saberes tradicionais, e que por vezes negam os saberes e as cosmogonias e epistemologias não hegemônicas, relegando lugar secundário desses saberes no espaço acadêmico. Frente a isso as atividades desenvolvidas contaram com ampla participação de acadêmicos e lideranças das comunidades tradicionais, no sentido de avaliar as políticas de inserção destes alunos na universidade, construir estratégias de valorização e interlocução a partir do diálogo e a troca de saberes.

Os Saberes Tradicionais e o espaço Acadêmico

Quando nos remetemos aos espaços formais de educação, sejam eles de educação básica ou mesmo no ensino superior, é importante nos atentarmos sobre o lugar dos outros saberes nas práticas e currículos oficiais. Mesmo com a Lei 10.639, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e posteriormente a Lei 11.645 que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” não há uma efetividade na abordagem desses temas como relevantes no cotidiano escolar. Podemos elencar uma miríade de fatores que interferem nessa efetivação, passando pela ausência de materiais didáticos, pela fragilidade ou completa ausência da temáticas das matrizes curriculares dos cursos de formação de professores, ou ainda, o não reconhecimento do legado histórico e cultural da população negra e indígena na construção identitária do país e, nesse caso em específico a frágil formação inicial e continuada ofertada aos professores no que se refere à abordagem sobre o protagonismo negro e indígena, o papel dos movimentos negro e indigenista, ou ainda sobre o conhecimento

dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais desses povos e o reconhecimento e respeito à história dos quilombos e povos indígenas.

O tratamento adequado da temática com foco nas lutas e a resistência para manutenção do território, cultura e modos de ser e fazer das comunidades são fundamentais para o fortalecimento, na academia, de referências sobre sua historicidade, o que contribuiria para realocar os conceitos acerca de diferença que provocam processos contínuos de exclusão social desses alunos.

Na contramão desse processo de reificação dos saberes eurocêntricos e negação de outras identidades e epistemologias encontramos a construção de outras narrativas e pedagogias. Segundo Arroyo (2014):

Os movimentos negro, indígena, quilombola em sua diversidade de ações e fronteiras de luta, repõem a centralidade da raça e das etnias e da identidade racial em suas formações. Suas pedagogias passam pela desconstrução do caráter racista que perpassa os padrões de poder, de conhecimento, de cultura, de trabalho, de justiça, da apropriação/expropriação da terra, do espaço, da renda. O racismo institucional. (Arroyo, p.158).

Ainda nesse sentido Grada Kilomba aponta como a violência colonial se manifesta também na academia, o que significa dizer, segundo a autora que “a academia não é um espaço neutro, nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de violência”. (Kilomba, p.51)

A violência citada pela autora pode se dar de forma material e também simbólica, a negação da cientificidade dos saberes tradicionais, seus signos e perspectivas sobre o mundo é uma forma de manifestação dessas violências. Nesse sentido entendemos que identificar e reconhecer “[...] comportamentos, rituais, tradições e heranças e todo um contexto histórico e político que interferem no processo de construção da identidade étnico-racial de qualquer grupo humano”. (GOMES, 2006, p.35) são essenciais para a apreensão dos processos de recriação e reelaboração desses sujeitos nos espaços em que convivem.

A sistêmica negação do outro e sua inferiorização está diretamente ligada à perspectiva da colonialidade do ser, nesse sentido atribui-se a narrativa de inferioridade aos sujeitos que historicamente sofrem silenciamentos como subalternizados, oprimidos e colocados à margem da sociedade, como os negros, os índios, as mulheres, os mestiços, os LGBTQia+ dentre outros (ALCÂNTARA; SERRA; MIRANDA, 2017).

A partir da ideia de hierarquização da diferença, a colonialidade classifica e exclui os sujeitos sociais a partir das diferenças de raça, gênero, e sexualidade, o que ocasiona o apagamento, invisibilidade e não pertencimento destes em diversos espaços. O que, de acordo com MALDONATO-TORRES, (2017) os classifica como inferiores, negando a sua intelectualidade, racionalidade e capacidade, em contraponto ao padrão do homem europeu, branco, burguês, racional e civilizado.

Buscando romper com a monocultura e tomando como referência a ¹*ecologia dos saberes*, vale discutir o espaço e as representações construídas acerca da cultura afrodescendente e indígena no Brasil e os espaços sociais que essas mesmas expressões têm em nossa sociedade. Ainda convivemos com a negação histórica do legado sócio cultural da comunidade negra e povos indígenas na construção da identidade do país, dessa forma os processos de desqualificação, estereotipação e preconceito em relação às manifestações, usos e saberes culturais de raiz africana e indígena, são perceptíveis em discursos e práticas correntes em diferentes espaços, não excluindo destes o espaço acadêmico.

Os valores e a perspectiva afro-brasileira e indígenas estão, de certo modo, na contramão dos valores civilizatórios europeus, isto por trilhar outro viés no que se refere à percepção de “bem viver”, de relação com o tempo, com espaço-tempo e território. Petit (2015) ressalta

¹ Segundo Boaventura de Souza Santos na *ecologia dos saberes* o mundo é um arco-íris policromático, o que significa dizer que há uma diversidade de culturas com diferentes formas de produzir saberes que orientam suas atividades produtivas, sociais, culturais e religiosas.

que a cosmovisão africana e a tradição oral, historicamente desvalorizadas no Brasil, não são ensinadas na educação formal, o contato que se estabelece com suas tradições acaba por se concretizando no espaço familiar e comunitário, segundo a autora “nas práticas religiosas, nas práticas de solidariedade, entre grupos comunitários, em artes tradicionais (artesanais), festas populares e em toda sorte de brincadeiras que envolvem o coletivo”.

O mesmo acontece com os acadêmicos indígenas, que para além dos marcadores elencados anteriormente ainda enfrentam em muitos casos a barreira linguística, isso considerando que para muitos desses alunos a língua portuguesa não é sua língua materna, se configurando como segunda ou terceira língua, dado ao fato de que em seus territórios, em suas sociabilidades se utilizam das línguas originárias de seu povo, tendo contato com a língua portuguesa somente quando acessam a educação formal.

Macedo (2007) afirma que a educação, na etnoeducação crítica, é entendida como um acontecimento cultural, no qual o indivíduo e grupo social em que ele está inserido são elementos indissociáveis em um conjunto de práticas e saberes que dimensionam a própria existência humana. Dessa forma podemos afirmar, segundo o autor, que a educação se configura por existencialidades individuais e coletivas, por sua vez, carregadas de imanências históricas, criadoras de mais subjetividades e mais cultura. Nessa perspectiva todas as trocas de saberes, práticas e conhecimentos que se tem dado neste processo apontam para as dinâmicas sociais da/na comunidade como “um conjunto de interpretações compartilhadas pelos quais os indivíduos produzem sentido simbólico para a sua vivência uns com os outros”. Neste contexto:

“[...] a educação é realizada e vivenciada por pessoas com etnométodos construídos a partir de seus universos culturais, como grupos de fato, que traduzem incessantemente as pautas da vida, mobilizados por suas referências e histórias”. (Macedo, p.28, 2005).

É a partir da perspectiva decolonial que as ações ora apresentadas foram construídas, tangenciando uma construção horizontalizada, com saberes diferentes tratados de forma não hierarquizadas e para além disso, promovendo espaços de narrativas não hegemônicas que se descolam do eurocentrismo teórico, do universalismo etnocêntrico e do positivismo epistemológico e marcam no espaço acadêmico lugares outros e narrativas outras, a partir de sujeitos que se autorizam a outras vozes e outras narrativas.

Outros saberes, outras epistemologias

Levando em consideração as questões aqui apresentadas deu-se início no ano de 2017 às atividades referentes ao projeto de acolhimento dos acadêmicos indígenas e quilombolas no âmbito da UFT, com a realização do “III Seminário Indígena: diálogos de saberes” entre os dias oito e dez de abril daquele ano e as Calouradas Indígena e quilombola, realizadas no mesmo ano e semestralmente nos dois anos subsequentes. A ação que contou com a participação de estudantes indígenas e quilombolas, lideranças dos povos tradicionais, professoras e professores pesquisadores da área e comunidade acadêmica em geral, iniciou no dia 8 de abril de 2017 com a realização do “Círculo de Abertura: saberes tradicionais na universidade – desafios da atualidade”, o encontro contou com a presença do professor da Universidade de Brasília (UnB), José Jorge de Carvalho, que dialogou sobre as múltiplas possibilidades de inclusão a partir da pedagogia intercultural nos meios acadêmicos, o pesquisador ainda afirmou que:

Se jovens negros e indígenas estão agora entrando no ensino superior para aprenderem conhecimentos de base ocidental, o Encontro de Saberes propõe a inclusão dos próprios conhecimentos provenientes das comunidades negras e indígenas nas universidades, ampliando o leque epistemológico legitimado pela academia.

As demais atividades realizadas durante o Seminário orbitaram em torno dos saberes tradicionais. Dessa forma o Seminário foi aberto com a realização do Toré², realizado por alunos indígenas dos Povos Atikum, Pankará e Pankararu tendo como mestra a liderança e professora da educação escolar indígena no Estado do Pernambuco, Maria Massarello Nunes. Após o ritual de abertura e da palestra inicial, foi realizada uma Feira da Cultura Popular e exposição artístico-cultural.

No sentido de construir um espaço dialógico e de escuta sensível das demandas dos povos tradicionais foi realizado durante o Seminário também um Círculo de debate trazendo a temática: “Educação e Comunidade”, durante o qual foram debatidos os desafios e perspectivas da educação indígena, educação não indígena e ensino superior. Participaram do debate Adriano Dias Gomes Karajá (Presidente Conselho Estadual de Educação), Renato Yahé-Krahô, Maria Massarello Nunes (Liderança Atikun) e Maria Alderes Gonçalves Ribeiro (Liderança Kraô-Kanela).

Além da abordagem sobre educação e comunidade foram realizados debates sobre os direitos indígenas no âmbito da educação formal e também no concernente ao direito aos territórios e o impacto dos grandes empreendimentos nos territórios tradicionais, participaram do Círculo de conversa o Procurador Álvaro Manzano (Ministério Público Federal), Josimar Sitbró (Conselheiro de Educação Escolar Indígena) e Jailson De Brito Oliveira Xerente (Bacharel em Direito).

As atividades do último dia do encontro foram marcadas por um círculo de conversa discutindo a temática: “Ser estudante indígena na UFT” com representantes Indígenas do GTIQ (Grupo de Trabalho Indígena e Quilombola), UNEIT (União dos Estudantes | Indígenas do Tocantins) e representantes do Ministério Público Federal. Os acadêmicos apontaram os elementos que entendem como dificultadores de sua permanência na universidade, dentre estes podemos citar: a) interação entre os estudantes e os professores; b) processo de Ensino e Aprendizagem; c) acompanhamento pedagógico; c) interação dos saberes tradicionais e científicos; d) problemas financeiros; e) preconceito e discriminação. f) dificuldades com a Língua Portuguesa para a realização de leituras, escrita, interpretação, debates, seminários; g) bloqueio/Inibição em sala de aula decorrentes da diferença cultural: baixa participação em seminários, nas aulas, debates; h) desconhecimento da instituição acerca da cultura indígena e quilombola, o que gera indiferença na relação pedagógica discente/docente, prejudicando o desempenho acadêmico dos discentes.

A discussão sobre as relações que se estabelecem entre os diferentes sujeitos sociais é infrutífera se não tiver em vista as relações de tensão e poder que se estabelecem nesse campo. Entendemos que essas relações se caracterizam muitas vezes pela noção de pertença/não pertença, inclusão/exclusão, de ter e ser em relação ao outro. Essas tensões estão espalhadas e fluidas em todos os cenários e espaços partilhados no cotidiano. A forma como os grupos sociais veem e percebem os costumes, as crenças, os fazeres, as semelhanças e diferenças estabelece as relações de pertença ou não pertença, determinando os encontros e desencontros, o espaço e entrelugar que se permitem ocupar e designam a outros que não os seus. Segundo SILVA (2000) as questões referentes à identidade, a diferença e ao outro, são problemas de ordem social, pedagógica e curricular:

É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço de ensino, mas também porque a questão

2 O Toré é considerado um símbolo de resistência dos povos indígenas do Nordeste. À primeira vista, pode ser percebido como uma dança, que varia de ritmos e linhas (toadas) em cada povo. O maracá dá o tom das pisadas e os participantes dançam, em geral, em círculo. O toré pode ser celebrado para homenagear autoridades ou visitas; como instrumento político, em exposições públicas nas cidades onde as aldeias estão localizadas para reafirmar a coletividade perante a sociedade; e também com função religiosa, de penitência, resgate dos antepassados e relação com a natureza.

do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. (Silva, 2000, p. 97).

Nesse sentido Costa afirma que “Fé, ancestralidade, sagrado, historicidade, oralidade, comunitarismo, hierarquia, ritual, tradição, alegria e devoção fazem parte da pedagogia que se configura nos espaços de pertença desses sujeitos. (p.40. 2011), faz-se assim necessário, trazer essas vivências, essas experiências e histórias para o espaço acadêmico, por meio da tradição oral e da cosmogonia que constitui as comunidades.

O Círculo de encerramento teve como tema: Patrimônio Material, Imaterial e o Impacto do Agronegócio na Segurança Alimentar dos Povos Indígenas com Vanessa Xerente, Wagner Krahô (lideranças indígenas), Daniel Barbosa (Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutrição) e Luana de Sousa Oliveira (docentado IFTO).

Trazer para o espaço da universidade o debate sobre as questões que afetam a segurança alimentar e o patrimônio material e imaterial dos povos indígenas, a partir de suas percepções em interlocução com os saberes acadêmicos, possibilita a descentralização da abordagem a partir de uma narrativa unilateral e do olhar do colonizador, para uma outra perspectiva: daqueles que estão nos territórios, vivenciam os impactos dos grandes empreendimentos em suas vidas e são mantenedores legítimos de seu patrimônio e toda a gama de sentidos, signos e significados a eles atribuídos.

Identidade e Pertencimento

No sentido de construir espaços de acolhimento e pertença foi realizado nos anos de 2018 e 2019 três Calouradas Indígena e Quilombola buscando acolher e integrar os alunos a partir de suas vivências, garantindo a não ruptura entre os saberes tradicionais e práticas culturais no espaço acadêmico.

A percepção dos alunos ingressantes foi de pertença e ambientação mais propositiva no espaço acadêmico, segundo Lucas Jordan Serrão, calouro do curso de Teatro, o espaço acadêmico lhe pareceu acolhedor: “Estou com bastante expectativa, pois pretendo aprender com os professores e meus colegas. Espero que eu goste do curso, porque pelo menos da universidade, já estou gostando.”

Alunos veteranos que participaram das atividades de acolhimento também se posicionaram quanto sua percepção e como as ações impactavam sua permanência na universidade: Miranda Gabriela David, acadêmica do 6º período do curso de Nutrição relatou que na época do seu ingresso teve dificuldades de adaptação ao espaço acadêmico.

Hoje não temos problemas de adaptação, pois a relação com os colegas é muito boa. A principal coisa para os indígenas que estão entrando agora é procurar todo o suporte possível, inclusive, os monitores, que estão mais preparados e possuem uma capacidade maior para ensinar até mesmo com orientações de como se inscrever em auxílios, obter carteirinhas estudantis, entre outros. Buscar essas pessoas facilitam nossa vida na universidade.

A partir das cosmogonias das populações tradicionais todas atividades foram precedidas de ritualísticas de iniciação/abertura dos trabalhos com a realização de preparação do ambiente com cantorias, uso de ervas medicinais e evocação aos/as ancestrais e encantados. Os rituais acontecem nesse caso em atividades circulares, cantorias (toantes e ladainhas) seguidas de movimentos rítmicos, palmas e batidas do maracá, bem como a sacralização do ambiente com o uso de defumadores.

Vale aqui ressaltar que elementos como a circularidade, religiosidade, corporeidade, oralidade, musicalidade, memória, ludicidade e cooperativismo são elementos fundantes dos valores civilizatórios afro-brasileiros e dos povos originários. Considerando que as práticas e experiências formativas nas universidades muitas vezes são totalmente dicotômicas a esses valores, as vivências e interações proporcionadas nessas atividades fortalecem a coletividade

e a identidade desses alunos e alunas na academia.

Nesse aspecto recorro a Sodré (1988) e sua fala quanto à dança, a festa e sua função de contínua renovação e reatualização coletiva impregnadas nos saberes presentes no culto. Segundo o autor: “A dança, o rito e o ritmo, territorializacramentalmente o corpo do indivíduo, realimentando-lhe a força cósmica, isto é, o poder de pertencimento a uma totalidade integrada. (1988, p. 24).

Além das atividades citadas anteriormente fizeram parte da programação exposição de artefatos produzidos pelas comunidades tradicionais, pintura corporal³, e também o Cine Maloca com exibição de filmes e documentários produzidos sobre aspectos culturais de populações indígenas e quilombolas presentes na universidade. Os debates foram conduzidos por membros das comunidades e diretores dos documentários. Entre os documentários exibidos estão “Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos” (2018) e “Samba de Cacete-Alvorada Quilombola”.(2017)

O Projeto contou ainda com encontro com reitor, pró-reitor de assuntos estudantis, pró-reitora de graduação, pró-reitora de extensão, coordenadores e coordenadoras de curso, com falas de incentivo de veteranos aos calouros indígenas e quilombolas, apresentação da Coordenação de Ações Afirmativas, apresentação dos calouros e programação cultural.

Imagem 1. Calourada abril/2018.



Fonte: Registro pessoal da autora.

Uma das atividades realizadas no ano de 2018 foi a pintura do espaço que sedia o GTIQ, na ocasião, estudantes indígenas fizeram pinturas no interior da sala e nos corredores de bloco com símbolos que representam seu povo e seus clãs. Durante a pintura, o acadêmico do Curso de Direito, Ivan Guarani, falou sobre a importância da “identificação” presente na pintura cultural e seus signos e significados: “Aqui tem vários povos, cada povo faz a sua pintura, a gente se identifica, a gente se vê em cada pintura dessas aqui”.

³ As pinturas corporais são as marcas de muitas etnias indígenas. Elas diferenciam clãs e famílias. As tintas são feitas a partir de elementos naturais como urucum, jenipapo e açafrão. As pinturas são diferentes para cada ocasião, como comemorações ou rituais sagrados.

Imagem 2: Calourada abril/2018**Fonte:** Registro pessoal da autora.**Imagem 3.** Calourada abril/2018**Fonte:** Registro pessoal da autora.

Além das ações realizadas no campus de Palmas, atividades de acolhimento foram realizadas também em outros campi da universidade. Com o objetivo de integrar a universidade por meio dos valores da diversidade cultural, do respeito às diferenças e da valorização dos povos e culturas indígenas e quilombolas do estado do Tocantins, estudantes indígenas e o PET (Programa de Educação Tutorial) Indígena do Campus de Porto Nacional organizaram em abril de 2019 o III Seminário Acadêmico Indígena. O evento abordou temas fundamentais sobre as questões indígenas no Brasil como: cultura, tradições, direitos indígenas, ações e políticas indigenistas. A programação contou com apresentações culturais, palestras, mesas-redondas e oficinas. No campus de Tocantinópolis foi realizada pelo Comitê Local de Ações Afirmativas atividades de acolhimento no qual acadêmicos indígenas e quilombolas abordaram os desafios e as contribuições da formação acadêmica para suas vidas e para suas comunidades.

Concluimos este debate reforçando que a academia não se constitui enquanto espaço neutro quando se refere às escolhas epistemológicas e curriculares. Costa (2005) enfatiza que

tanto as escolas quanto os currículos constituem-se como territórios de produção, circulação e consolidação de significados, compreendendo espaços privilegiados na concretização de políticas de identidade. O entrave que se apresenta é como esses espaços podem garantir realmente a concretização dessas políticas e a produção de significados positivos da cultura local. Nascimento (2017) afirma que:

Embora tenhamos atualmente na educação vertentes que apontem para a importância de “cosmogonias integradoras”, para outras epistemologias, para a coletividade, para a educação transdisciplinar e o pensamento complexo, a escola ainda nega os valores civilizatórios das comunidades tradicionais, nomeados, por vezes, como folclóricos, incipientes, supersticiosos. Insisto em dizer que, para além de teorizar o que tem sido nomeado com uma “nova maneira de perceber o mundo”, as comunidades tradicionais vivenciam em seu cotidiano o pensamento complexo. Sustentabilidade, integratividade, outras epistemologias não são teorizadas, mas vividas pelos povos indígenas, comunidades quilombolas e povos de terreiro. (p. 243, 2017)

Nosso intuito nesse caminhar é a concretização do espaço acadêmico como lugar da diversidade, lugar de validação e co-habitação de narrativas, epistemologias e fazeres outros. E para isso basta abrir os olhos para ver, apurar os ouvidos para ouvir e se permitir vivenciar e sentir a construção nessas espacialidades de narrativas contra-hegemônicas e da tessitura de outras textualidades e saberes.

Referências

ANTONACCI, Maria Antonieta Martinez. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ª ed. São Paulo: EDUC. 2015.

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. Ed. Vozes, Petrópolis, 2014.

BISPO, Antonio. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: INCT, 2015.

COSTA, Joaze Bernardino. (org.) **Decolonialidade e pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte, Autêntico. 2018.

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidade e interculturalidade**: interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado. Volume 31 números 1 Janeiro/Abril 2016. p. 51-73.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson;

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro. Zahar. 2020.

GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.223-246. (Coleção cultura negra e identidade).

GROSGOUEL, Ramón. Racismo epistémico, islamofobia epistémica y ciencias sociales coloniales. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colômbia, n.14, v. 1, p. 341-355, 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y9ma3lhp>>. Acesso em: ago. 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios do racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro. Cobogó. 2019.

LANDER, Edgardo et al. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3), setembro-dezembro/2014, p.935-952.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S., GROSFUGUET, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Colombia: Siglo del Hombre Editores, pp. 127-167, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad. Buenos Aires: Del signo, 2010.

MIRANDA, Claudia. Clandestinización y re-existencia diaspórica: horizontes expedicionarios e insurgencia en América. In SEPTIEN, R. C.; BIDA SECA, Karina, et al., **Más allá del decenio de los pueblos afrodescendientes**. Buenos Aires: CLACSO, 2017.

NASCIMENTO, Solange Nascimento. **Entre o Sentido e o Vivido na Escola: uma experiência formativa na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, TO.** 2017. 276 f. Tese (Doutorado Educação e Diversidade)–Faculdade de Educação, UFBA, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **História da África e dos africanos na escola**: desafios políticos, epistemológicos e identitários para a formação dos professores de História. Rio de Janeiro: Impetrial Novo Milênio, 2012.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral** e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores. Fortaleza: EdUECE, 2015.

QUIJANO, Aníbal (Ed.). **Des/colonialidad y bienvivir**: un nuevo debate en América Latina. Lima: Editorial Universitaria, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In SANTOS, Boaventura de Souza. Epistemologias do Sul. n.80, 2008.

SILVA, Tomás Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo II. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017.

Recebido em: 30 de abril de 2021.
Aceito em: 13 de dezembro de 2021.